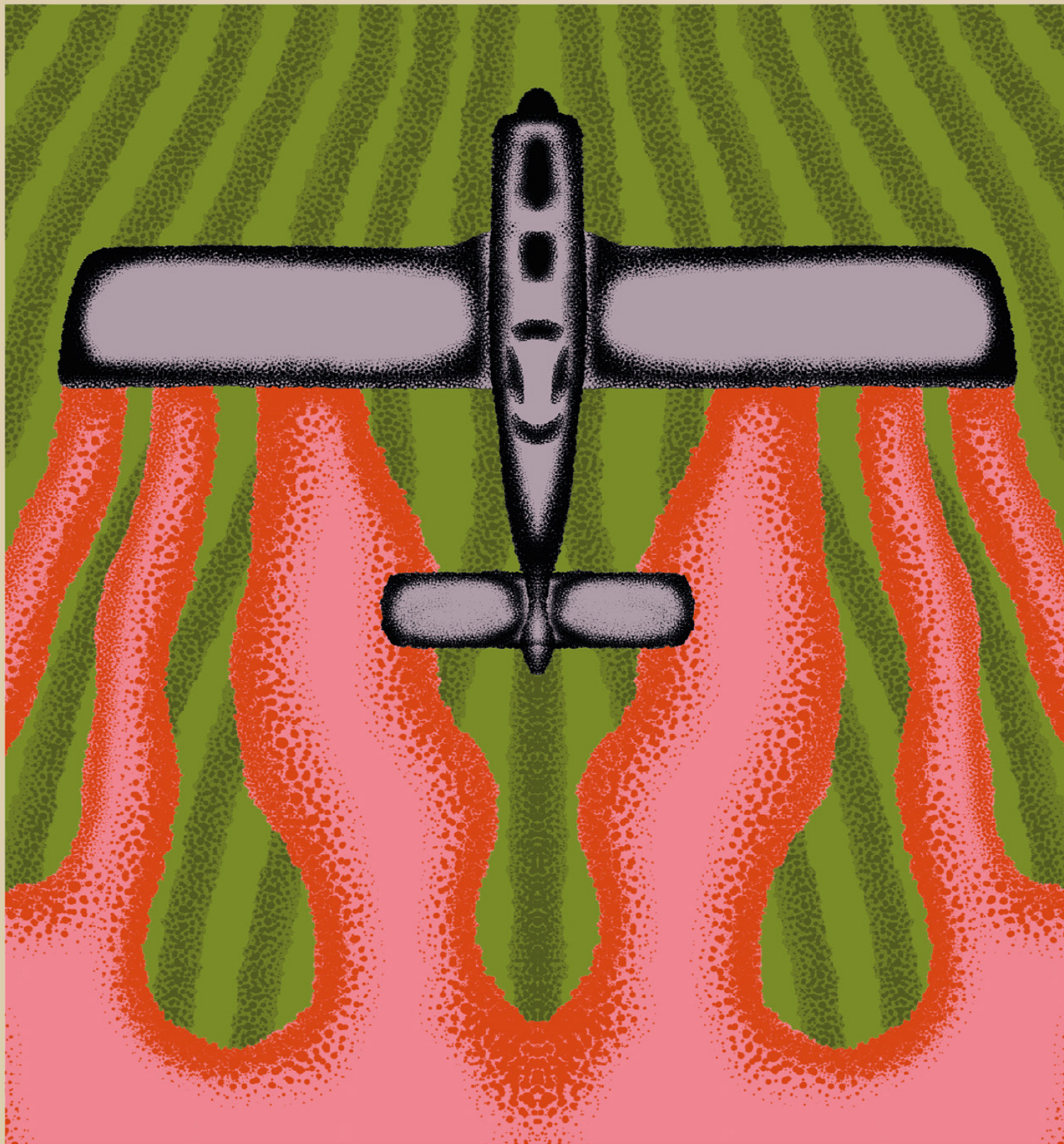


**LARISSA MIES BOMBARDI**



**AGROTÓXICOS  
E COLONIALISMO QUÍMICO**

***elefante***



**Conselho editorial**

Bianca Oliveira

João Peres

Tadeu Breda

**Edição**

Tadeu Breda

**Revisão**

Luiza Brandino

Laura Massunari

**Cartografia**

Pablo Nepomuceno

Valdeir Cavalcante

**Capa**

Túlio Cerquize

**Direção de arte**

Bianca Oliveira

**Assistência de arte**

Sidney Schunck

**Conversão para Ebook**

Cumbuca Studio



**LARISSA MIES  
BOMBARDI**

**AGRO  
TÓXI  
COS**

**E  
COLONIALISMO  
QUÍMICO**

*Algum mau-olhado fora atirado àquela comunidade; enfermidades misteriosas varreram os bandos de galinhas; as vacas e os carneiros adoeciam e morriam. Por toda parte se via uma sombra de morte. Os lavradores passaram a falar de muita doença em pessoas de suas famílias. Na cidade, os médicos se tinham sentido cada vez mais intrigados por novas espécies de doenças que apareciam nos seus pacientes. Registraram-se várias mortes súbitas e inexplicadas, não somente entre os adultos, mas também entre as crianças; adultos e crianças sentiam males repentinos, enquanto caminhavam ou brincavam, e morriam ao cabo de poucas horas.*

*Havia, ali, um estranho silêncio. Os pássaros, por exemplo — para onde é que tinham ido? Muita gente falava deles, confusa e inquieta. Os postos de alimentação, nos quintais, estavam desertos. Os poucos pássaros que por qualquer lado se vissem estavam moribundos; tremiam violentamente, e não podiam voar. Aquela era uma primavera sem vozes.*

— Rachel Carson, *Primavera silenciosa*

## **INTRODUÇÃO**

### **1 AGROTÓXICOS E ASSIMETRIA NORTE-SUL**

### **2 CAPITALISMO E AGROTÓXICOS**

### **3 COLONIALISMO QUÍMICO**

## **NOTAS**

## **SOBRE A AUTORA**

# INTRODUÇÃO

Em 1962, Rachel Carson lançou nos Estados Unidos sua obra seminal, *Primavera silenciosa*, alertando para o impacto dos agrotóxicos sobre o meio ambiente e a saúde humana. O excerto citado como epígrafe deste livro remete a uma cidade fictícia, descrita no primeiro capítulo da obra.<sup>1</sup> A autora alerta, porém, que, muito embora não soubesse da existência de um único lugar que vivenciara simultaneamente todos esses males, conhecia, sim, inúmeras localidades que sofreram uma ou mais das mazelas descritas após terem sido palco do uso dessas substâncias.

Rachel Carson denunciou o que hoje vemos se reproduzir de forma ampliada em muitas partes do mundo, particularmente em países como o Brasil e outros do Sul global que têm sido transformados em “máquinas” de produção de grãos, carne, cana-de-açúcar, celulose e outras commodities para o comércio internacional — “máquinas” cujo “combustível” são as sementes transgênicas, os fertilizantes químicos e os agrotóxicos. A conversão daquilo que outrora foram campos e florestas em monoculturas voltadas para a exportação — ou seja, a conversão de terra/solo<sup>2</sup> em substrato para a produção de commodities — se dá em escala avançada: atualmente, apenas nos países-membros do Mercosul, há cultivo de soja em uma área maior que a França, como veremos adiante.

Rachel Carson, uma mulher à frente de seu tempo, sofreu diversas formas de intimidação acadêmica<sup>3</sup> e tentativas de desqualificação, não só porque sua pesquisa ia na contramão da nascente indústria de agroquímicos, mas também — e sobretudo — por ser mulher. Sua conduta, seu posicionamento e seu estado civil de solteira renderam a Carson o rótulo de “comunista”, em uma clara tentativa de invalidar suas constatações científicas em tempos de Guerra Fria. Além disso, foi reiteradamente chamada de “histérica”, palavra cuja etimologia ajuda a entender a perversidade das críticas contra a pesquisadora. *Hystera* significa “útero” em grego, e daí derivam as palavras “histeria” e “histérica”: um suposto desequilíbrio “natural” — obviamente segundo uma ciência que se formou a partir da perspectiva masculina e ocidental — atribuído às mulheres, que se caracteriza pelo “descontrole das emoções”.<sup>4</sup>

A natureza dos ataques sofridos por Carson não ficou no passado da luta contra o uso de agrotóxicos. As Mães de Ituzaingó — que em 2002 passaram a denunciar os efeitos perversos de inseticidas e herbicidas sobre a saúde dos moradores do bairro de Ituzaingó Anexo, na cidade de Córdoba, Argentina — foram chamadas de as “loucas de Ituzaingó”<sup>5</sup> quando decidiram sair a público para mostrar que o modelo da soja transgênica, praticado na região,<sup>6</sup> era responsável pela ocorrência frequente, entre os moradores da vizinhança, de malformações fetais como lábio leporino, falta de mandíbula, ausência de polegar ou polidactilia, além de abortos espontâneos e câncer.<sup>7</sup>

Hoje, mais de sessenta anos depois do lançamento de *Primavera silenciosa*, o que vemos é a constatação do silêncio, não só de pássaros, insetos e outros animais, mas também de seres humanos, em função da contaminação causada por agrotóxicos. Esse silêncio não é apenas literal, é também político: além da complacência ou resignação de parte significativa da população, são inúmeras as tentativas de calar

cientistas<sup>8</sup> e ativistas comprometidos com a denúncia dos efeitos nefastos dos agroquímicos e dos cultivos transgênicos, os quais se configuram cada vez mais como uma violência, além de silenciosa, química — e imprevisível, como já apontava Rachel Carson:

Outra área quase que inexplorada é o problema das interações entre substâncias químicas — problema que se torna particularmente premente quando tais substâncias entram em meio ambiente marítimo, onde tantos e tantos minerais diferentes estão sujeitos a mistura e a transporte. Todas estas questões requerem urgentemente respostas precisas, que somente a pesquisa intensiva e extensiva pode proporcionar; todavia, os fundos para semelhantes finalidades são de inspirar piedade, de tão reduzidos.<sup>9</sup>

Muitos anos depois do alerta de Carson, descobrimos, por exemplo, que existem ursos polares contaminados com agrotóxicos, mesmo vivendo a milhares de quilômetros das áreas agrícolas, justamente por causa da dispersão dessas substâncias pelos oceanos.<sup>10</sup> Apesar disso, grande parte das perguntas elaboradas pela autora permanece insuficientemente respondida, sobretudo no que diz respeito aos efeitos cumulativos ou de sinergia entre essas diferentes substâncias. E, ainda que já estejamos conscientes das consequências deletérias ocasionadas por esses produtos químicos — carcinogenicidade (câncer), teratogenia (malformação fetal), mutagênese (alterações genéticas), autismo, mal de Alzheimer etc.<sup>11</sup> —, suas vendas seguem crescendo anualmente sob a hipotética justificativa da importância dos agrotóxicos, em suas diferentes modalidades — inseticidas, herbicidas e fungicidas —, para a produção de alimentos e para o combate à fome no mundo.

A análise dos dados e dos fatos, porém, revela que, além de estarmos diante de uma severa contaminação ambiental e humana, a fome e a desnutrição, ao invés de diminuírem, aumentaram globalmente. Portanto, precisamos compreender com urgência que, no século XXI, produção agrícola deixou de ser sinônimo de produção de alimentos.

O capitalismo transformou a agricultura em uma imensa máquina de produção de commodities e agroenergia que tem submetido povos inteiros e seus territórios a uma grande miséria social e ecológica, em benefício de um processo crescente de concentração de terra, renda e poder nas mãos de empresas transnacionais, proprietários, especuladores e seus representantes nas câmaras legislativas e palácios de governo. Como veremos, embora alguns países, a exemplo dos membros da União Europeia, busquem blindar suas populações dos malefícios causados pelos princípios ativos que eles mesmos produzem e exportam, ninguém escapa. O mercado de agrotóxicos em ascensão movimentava cerca de 60 bilhões de dólares por ano, mesmo que, a cada ano, 1 milhão de pessoas<sup>12</sup> em todo o mundo se intoxiquem de forma involuntária por meio do contato com tais substâncias. Esse número é apenas a ponta do iceberg de um problema muito profundo que atinge o planeta e a sociedade de modo desigual: as nações do Sul global são as mais afetadas e, nelas, crianças, mulheres, povos indígenas, camponeses e trabalhadores rurais são os que mais sofrem.

As mulheres, especialmente, carregam o drama do silêncio e do choro dos parentes e dos filhos — dos filhos que não nascem, dos filhos que nascem com malformações, dos filhos que adoecem. Às mulheres, invariavelmente, é dada a silenciosa, dolorida e invisibilizada tarefa de cuidar deles. As mulheres têm carregado, portanto, não apenas no corpo como também em seu universo emocional e psíquico a carga de uma sociedade cuja organização econômica retirou o valor de uso do alimento, tornando-o mais uma mercadoria à venda no comércio

internacional, da mesma forma que minérios, petróleo ou qualquer outra commodity. Por outro lado, também são as mulheres que, majoritariamente, assim como Rachel Carson, se nutrem de coragem para festejar o som dos pássaros, dos insetos, da vida que brota nas inúmeras experiências agroecológicas e de outras formas de agricultura livre de agrotóxicos.

A elas dedico este livro: às milhares de mulheres que carregam nas costas o grande drama desta sociedade, e que seguem lutando por mudança.

Espero que o trabalho realizado aqui seja uma ferramenta na transformação desta realidade injusta, desigual e machista, que adúltera a todos nós.

Que a terra possa ser fecundada por meio da justiça. Que a agricultura volte a carregar o seu sentido etimológico. Que possamos celebrar a vida que é — física e arquetipicamente — gerada no corpo das fêmeas do planeta, que geram, que dão à luz, que amamentam, pois a própria vida está em risco em função do modelo químico-dependente imposto pelo agronegócio. Que possamos restituir ao alimento seu sentido de nutrição humana. E que façamos da centralidade da segurança e da soberania alimentar e nutricional um caminho para a construção da justiça social e ambiental.

Bruxelas, agosto de 2023

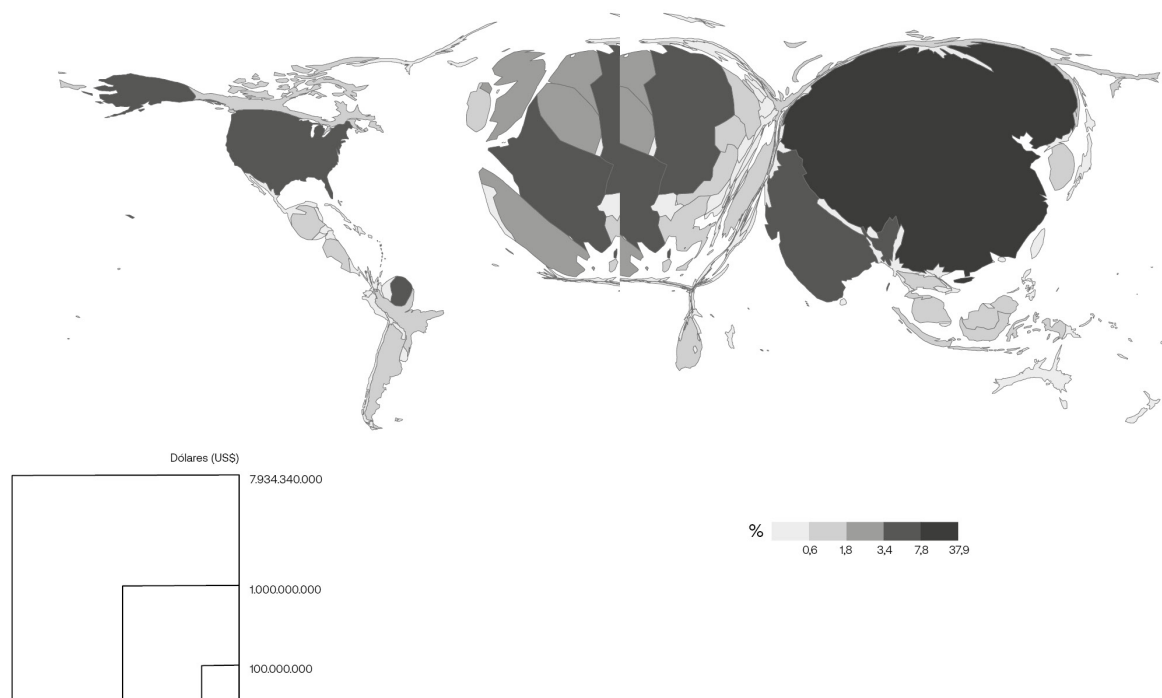
(No exílio que teve início durante os duros anos do regime bolsonarista)

# **1 AGROTÓXICOS E ASSIMETRIA NORTE-SUL**

O processo histórico do capitalismo mundializado permitiu que a agricultura se tornasse o substrato da reprodução capitalista de indústrias sediadas no Norte global. Essa reprodução capitalista se expressa, entre outras áreas, na fabricação e comercialização de agrotóxicos. Quando olhamos para as exportações mundiais de químicos agrícolas, verificamos uma enorme assimetria geopolítica, com os Estados Unidos, a União Europeia e, mais recentemente, a China no topo do ranking dos maiores produtores e exportadores de agrotóxicos. A União Europeia, com 13,6 bilhões de dólares vendidos ao exterior em 2020, e a China, com aproximadamente 8 bilhões de dólares comercializados no mesmo período, se destacam nesse cenário. Os Estados Unidos aparecem em terceiro lugar, com cerca de 4,5 bilhões de dólares.<sup>13</sup>

## **Exportações de agrotóxicos no mundo [2020]**

Representação cartográfica e percentagem por país



Fonte: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).  
 Organização: Larissa Mies Bombardi; Elaboração: Pablo L. M. Nepomuceno e  
 Valdeir S. Cavalcante Gonçalves. Jul. 2022. Cartograma: Scapetoadd.

As vendas mundiais de agrotóxicos cresceram de forma significativa nos últimos anos. Se em 2017 foram comercializados internacionalmente em torno de 44 bilhões de dólares, em 2020 esse montante subiu para 56 bilhões de dólares.<sup>14</sup> Paralelamente, o volume de vendas das doze maiores empresas produtoras de agrotóxicos cresceu 27% entre 2017 e 2020. A Syngenta — companhia suíça adquirida pela ChemChina em 2017 — desponta como a maior exportadora de agrotóxicos no período, passando de 9 bilhões de dólares em 2017 para mais de 11 bilhões em 2020. Em seguida, aparecem as alemãs Bayer e Basf e a estadunidense Corteva, que em 2020 arrecadaram, respectivamente, 10 bilhões, 7 bilhões e 6 bilhões de dólares em exportações. Essas quatro companhias, junto com a indiana UPL e a estadunidense FMC, detêm cerca de 80% do valor total

da comercialização de agrotóxicos no planeta e venderam em 2020, juntas, mais de 43 bilhões de dólares desses produtos.

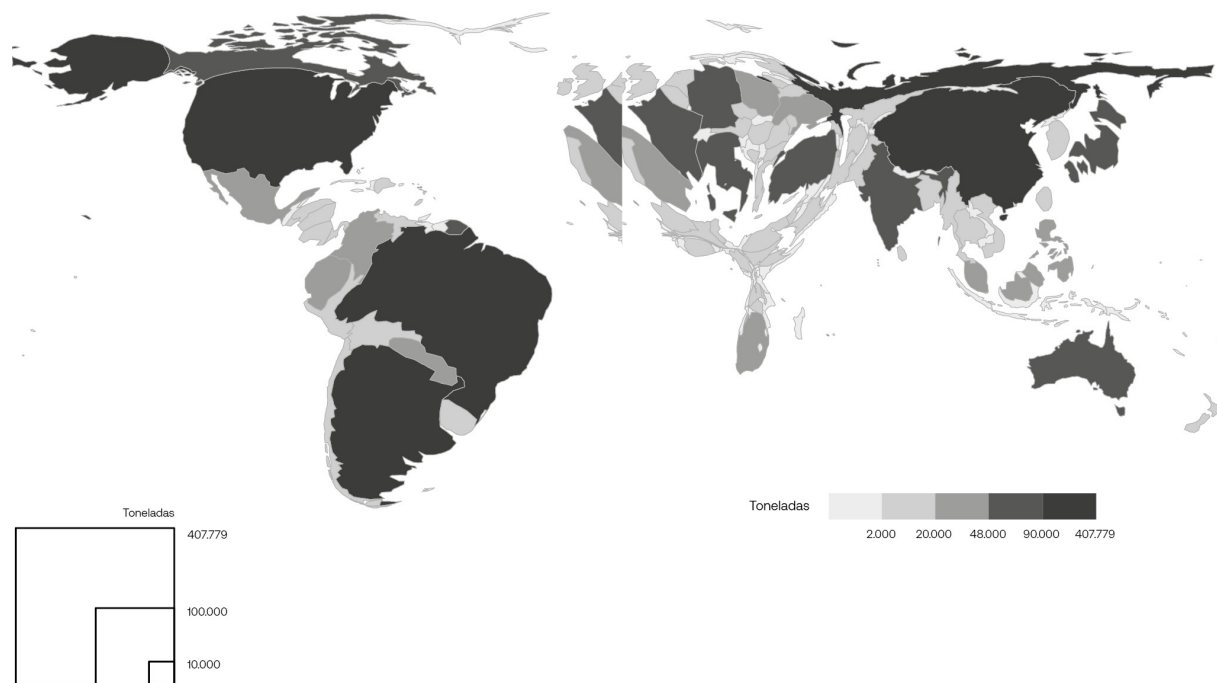
As mesmas empresas figuram ainda entre as maiores produtoras e exportadoras mundiais de sementes: Bayer, Corteva e Syngenta controlam mais de 80% desse mercado, arrecadando 8 bilhões, 7 bilhões e 2,6 bilhões de dólares em 2020, respectivamente. Organizando-se de forma oligopolista, portanto, as corporações provenientes da Europa, dos Estados Unidos e da China subordinam a agricultura em escala mundial em todas as suas fases: desde o preparo da terra para o plantio até a “pós-colheita”.

Nesse contexto de notória assimetria entre o Norte e o Sul globais, a América Latina tem repetido e aprofundado a sina histórica e violenta instaurada pelos europeus durante a colonização, entre os séculos XVI e XIX. Nas palavras do economista equatoriano Alberto Acosta, os países do continente, “amaldiçoados pela abundância”, tornaram-se “exportadores de natureza”, assumindo um papel desfavorável na ordem econômica internacional.<sup>15</sup> Por isso, o pensador uruguaio Eduardo Galeano define a América Latina como uma região que “se especializou em perder”.<sup>16</sup>

Seguindo essa lógica, os países latino-americanos, especialmente o Brasil e a Argentina, têm sido receptáculos de um volume colossal de agrotóxicos produzidos e comercializados por empresas do Norte. Apesar de os Estados Unidos e também a China serem relevantes destinatários de agrotóxicos — em 2021, consumiram, respectivamente, cerca de 257 mil e 244 mil toneladas —, o Brasil e a Argentina se destacam ainda mais, tendo consumido 719 mil e 457 mil toneladas de agrotóxicos no mesmo período.<sup>17</sup> E padecem, como veremos, de legislações mais frouxas quanto a uso e dosagem desses químicos.

## Uso de agrotóxicos no mundo [2020]

Representação cartográfica em toneladas por país



Fonte: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Organização: Larissa Mies Bombardi; Elaboração: Pablo L. M. Nepomuceno & Valdeir S. Cavalcante Gonçalves. Jul. 2022. Cartograma: Scapetoad.

A questão agrária é o pano de fundo para compreender por que o Brasil se tornou o maior consumidor mundial de agrotóxicos. A grande chaga da formação social e territorial brasileira é sem dúvida a centralidade que a propriedade privada da terra assumiu no país e o processo (marcadamente, a grilagem e a violência) que levou a essa enorme concentração fundiária — que, ademais, tem crescido década após década. Apenas 1% dos proprietários rurais (aqueles que possuem áreas maiores do que mil hectares) controlam praticamente 47,6% das terras agricultáveis do país.<sup>18</sup> Se somarmos as áreas destinadas à

sojicultura no Brasil, no Paraguai, no Uruguai e na Argentina — ou seja, nos países agrícolas do Mercosul —, teremos um território maior do que a França somente com cultivos dessa oleaginosa, ou 557 mil quilômetros quadrados.<sup>19</sup>

Acrescente-se a isso o fato de que, no Brasil, mais de 90% da soja é transgênica.<sup>20</sup> Isso significa que abrigamos em nossas fronteiras uma área equivalente à Alemanha (358 mil quilômetros quadrados) dedicada ao cultivo de soja geneticamente modificada, sendo que 74,8% das sementes de soja transgênicas permitidas no Brasil são tolerantes a herbicidas.<sup>21</sup> No caso do milho, o cultivo transgênico alcançou 89% do total da safra 2018-2019, e 90% das variedades de milho transgênico aprovadas no Brasil suportam o uso de herbicidas.<sup>22</sup> Com relação ao algodão, 80% do cultivo brasileiro é transgênico, e 91,3% das espécies transgênicas liberadas no país são resistentes a herbicidas.<sup>23</sup> Não por acaso, soja, milho e algodão, juntos, são o destino de 80% dos agrotóxicos comercializados por aqui — os cultivos de soja, sozinhos, receberam 57% dos agrotóxicos vendidos no Brasil em 2021.<sup>24</sup> Praticamente 90% dos agrotóxicos em circulação no Brasil são aplicados em apenas cinco culturas: soja, milho, algodão, pasto e cana-de-açúcar.

A distribuição do uso de agrotóxicos por unidades da federação explicita a conexão direta entre uso de agrotóxicos e produção de commodities. O emprego de agrotóxicos no Brasil dobrou entre 2010 e 2021, saindo de cerca de 360 mil toneladas para 719 mil toneladas. Mato Grosso, Rondônia, Goiás e São Paulo são os estados com maior taxa de uso de agrotóxicos por hectare, seguidos por Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul. Em 2019, Mato Grosso consumiu cerca de 121 mil toneladas de ingredientes ativos de agrotóxicos; São Paulo, 92 mil toneladas; Goiás, 49 mil toneladas; e Mato Grosso do Sul, 38 mil toneladas. Em termos regionais, no que diz respeito à relação

entre a média anual de uso de agrotóxicos (quilos) e a área agrícola (hectares), destaca-se a região Centro-Oeste, com 209 mil toneladas, seguida pela região Sul, com 150 mil toneladas. Mato Grosso, o estado que mais se destaca no consumo de agrotóxicos, responde por 28% da produção de soja e 31% da produção de milho<sup>25</sup> no Brasil. Na sequência, aparecem São Paulo (maior produtor de cana-de-açúcar),<sup>26</sup> Paraná (segundo maior produtor de grãos)<sup>27</sup> e Rio Grande do Sul (terceiro maior produtor de soja).<sup>28</sup>

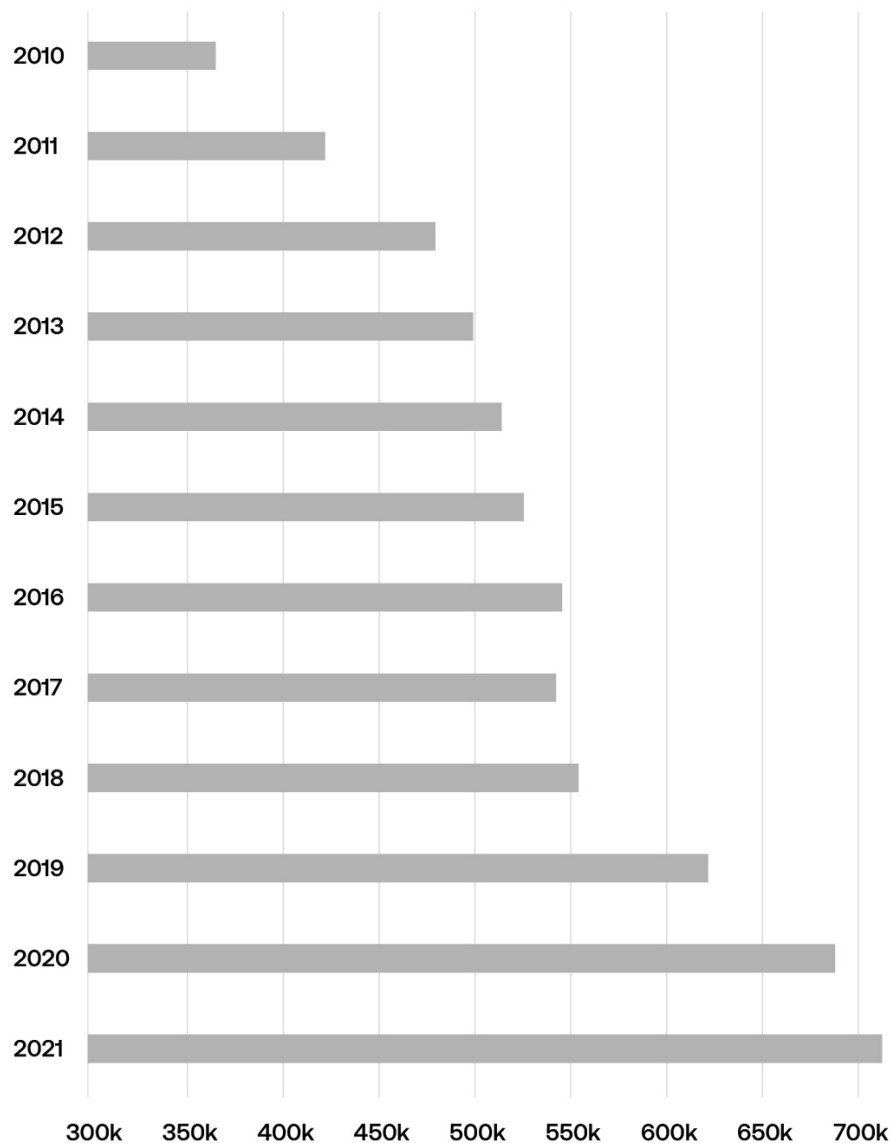
A área destinada às commodities e à agroenergia continua crescendo, enquanto o espaço dedicado a culturas agrícolas consideradas pilares da alimentação brasileira — arroz, feijão e mandioca — se reduz ano a ano.

A área cultivada com mandioca diminuiu 38% nas três últimas décadas: de 1,975 milhão de hectares em 1990 para 1,213 milhão de hectares em 2019, com destaque para a redução observada no Nordeste. A área cultivada com feijão diminuiu 47%: de 5,034 milhões de hectares em 1990 para 2,769 milhões em 2019 — ou seja, perdeu-se quase metade das plantações de feijão no país, sobretudo nas regiões Centro-Oeste e Sul, onde esse cultivo mais foi reduzido (e onde, como veremos, a soja mais cresceu). A situação do arroz é ainda mais alarmante. Enquanto em 1990 as áreas de rizicultura se espalhavam pelo país, em 2019 os arrozais praticamente sumiram, sobretudo no Sudeste e no Nordeste — com exceção do Maranhão, onde, mesmo assim, houve redução significativa. Em termos gerais, o cultivo de arroz diminuiu 58% no Brasil nas três últimas décadas: de 4,158 milhões de hectares em 1990 para 1,727 milhão de hectares em 2019. É gritante a discrepância entre as áreas de plantio desses pilares da alimentação brasileira e as áreas cultivadas com variedades destinadas ao mercado de commodities e agroenergia. Em 1990, soja, milho e cana-de-açúcar ocupavam, respectivamente, 11,5 milhões de hectares, 12 milhões de

hectares e 4 milhões de hectares. Em 2019, a porção de terras destinada à soja ascendeu a cerca de 36 milhões de hectares; ao milho, a 18 milhões de hectares; e à cana-de açúcar, a 10 milhões de hectares. A área cultivada com eucalipto aumentou 99,6% nas últimas décadas, com cana-de-açúcar aumentou 152% e com soja, 210%. Em 2023, de acordo com as projeções da Companhia Brasileira de Abastecimento (Conab), a soja passou a ocupar 44 milhões de hectares e o milho, 22 milhões de hectares do território nacional.

### **Uso de pesticidas no Brasil**

(Em toneladas por ano)



Fonte: Ibama, “Relatório de comercialização de agrotóxicos”, disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/quimicos-e-biologicos/agrotoxicos/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos>.

A criação de bovinos também se expandiu muito no Brasil nesse período, sobretudo em direção à Amazônia, passando pelo Cerrado. A expansão da soja e do gado, muitas vezes, atua como um “binômio”:<sup>29</sup> o pasto abre caminho por meio do desmatamento (além de outras formas de violência, como será apontado) e, na sequência, a soja ocupa

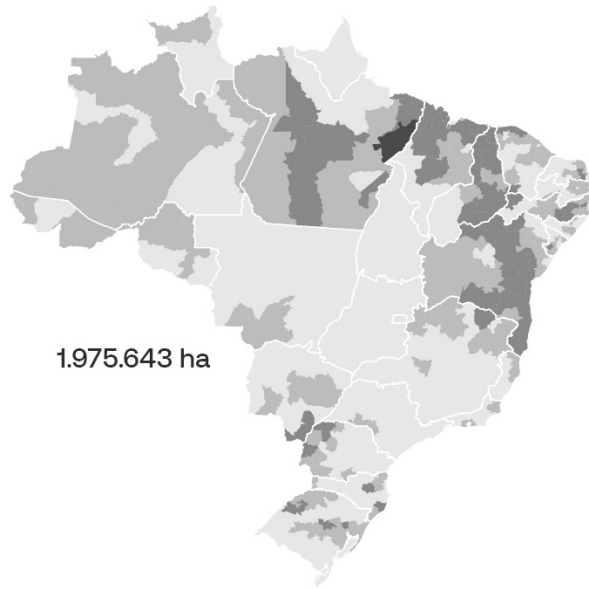
o lugar do pasto.<sup>30</sup> Não é piada dizer que no Brasil temos mais bois do que seres humanos: em 2019, o Brasil tinha cerca de 215 milhões de cabeças de gado e, de acordo com o Censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2023, a população brasileira é de 203 milhões de habitantes.

Como veremos, o crescimento da agricultura de commodities (capitalista), em conjunto com a supressão da agricultura de alimentos (camponesa), tem causado severos danos ambientais e à saúde e à alimentação humana. Esse aumento vertiginoso da produção de commodities vem impactando especial e severamente o Cerrado, que já teve 49% de sua área total desmatada, ou 110 milhões de hectares. Apenas entre 2010 e 2019, no Tocantins e na Bahia, foram devastados 31 mil quilômetros quadrados desse bioma, uma área superior ao território da Bélgica. O Cerrado é conhecido como a “caixa d’água do Brasil”, pois abriga as nascentes de nove das doze bacias hidrográficas nacionais, como as dos rios São Francisco, Paraná, Araguaia e Parnaíba. A destruição tem ocorrido sobretudo devido ao avanço das monoculturas de soja e cana-de-açúcar. A expansão geográfica do cultivo da soja mais que triplicou nas três últimas décadas. É notável a intensificação da sojicultura na região Sul e o seu deslocamento em direção ao Centro-Oeste e, mais recentemente, às regiões Nordeste e Norte.<sup>31</sup>

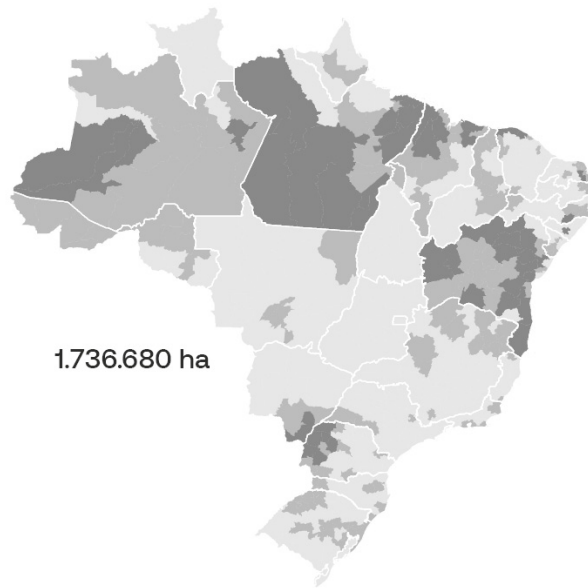
## **Mandioca — Evolução da área plantada no Brasil**

Microrregiões brasileiras [1990-2019]

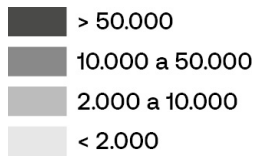
1990



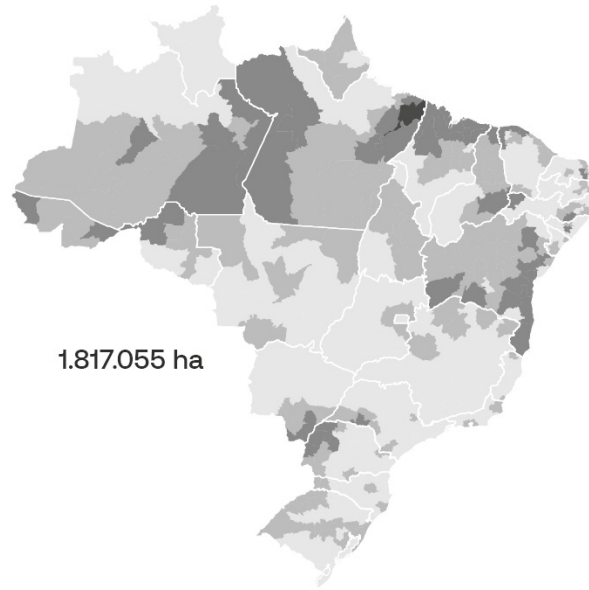
**2000**



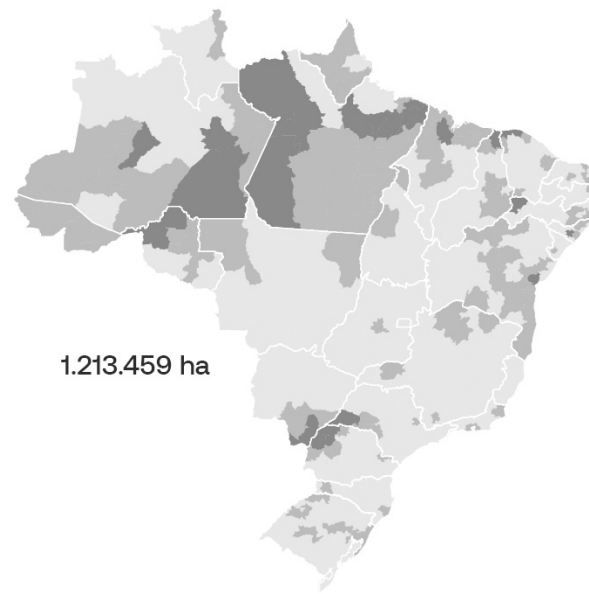
Em hectares (ha) de mandioca  
na microrregião



**2010**



**2019**



Fonte: IBGE [2020].

Elaboração: Larissa Mies Bombardi; Cartografia: Pablo Luiz Maia Nepomuceno, Thatyane Mônico Nascimento & Valdeir S. Cavalcante Gonçalves. Jul. 2021.

## **Feijão — Evolução da área plantada no Brasil**

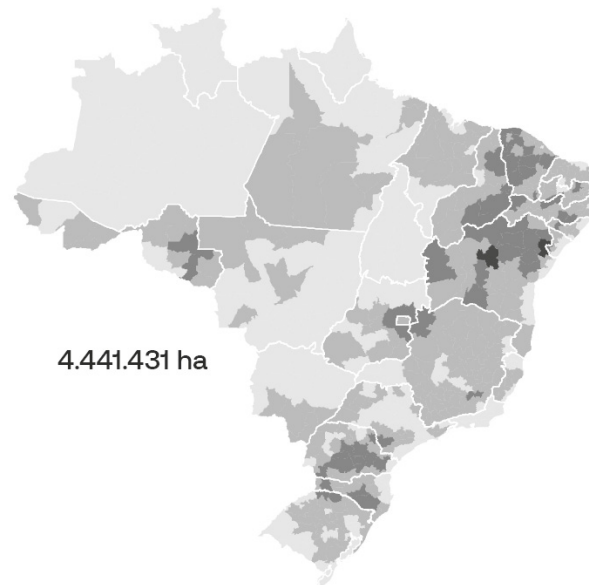
Microrregiões brasileiras [1990-2019]

**1990**



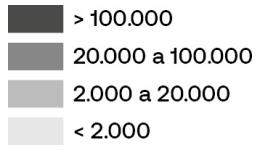
5.304.267 ha

**2000**



4.441.431 ha

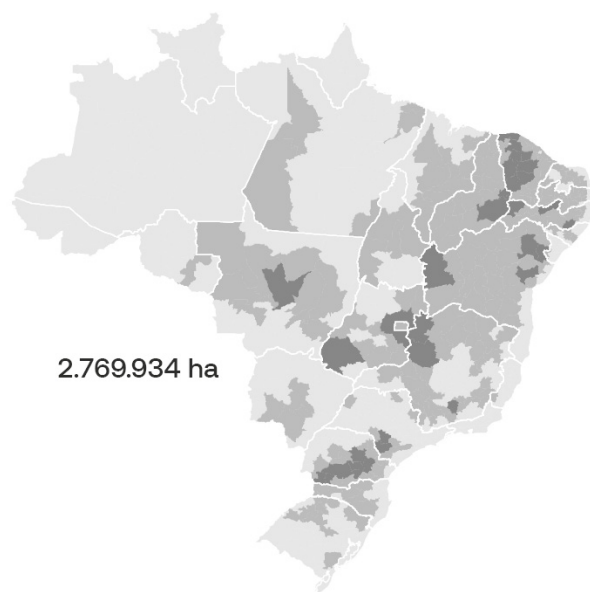
Em hectares (ha) de feijão  
na microrregião



**2010**



**2019**



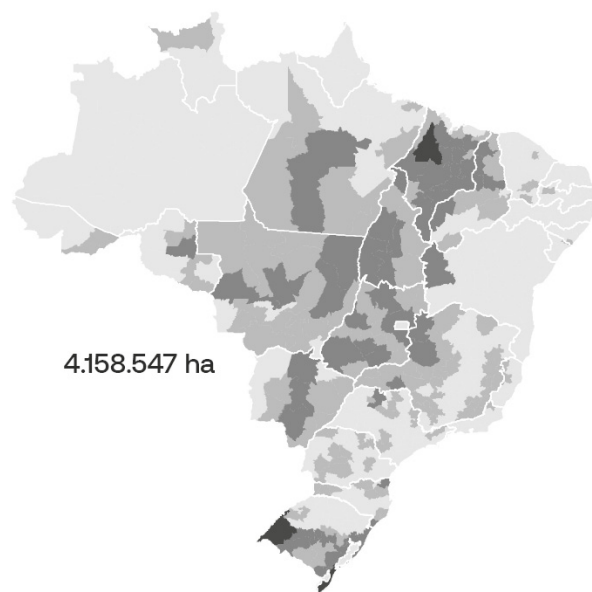
Fonte: IBGE [2020].

Elaboração: Larissa Mies Bombardi; Cartografia: Pablo Luiz Maia Nepomuceno, Thatyane Mônico Nascimento & Valdeir S. Cavalcante Gonçalves. Jul. 2021.

## **Arroz — Evolução da área plantada no Brasil**

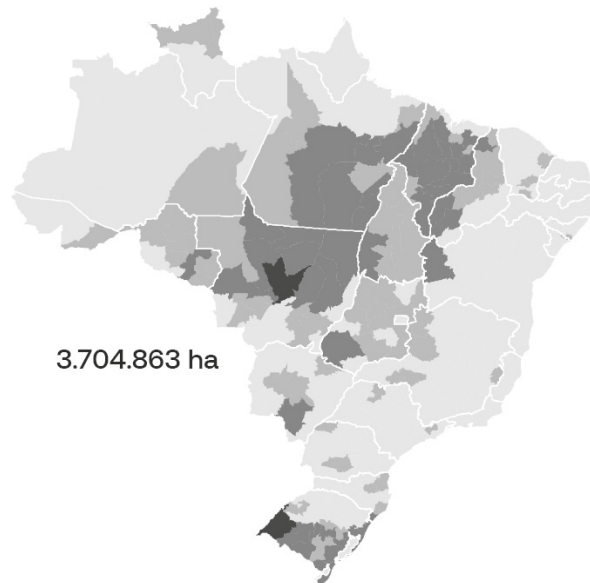
Microrregiões brasileiras [1990-2019]

**1990**



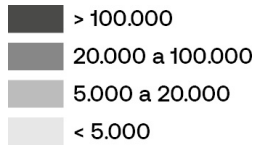
4.158.547 ha

**2000**

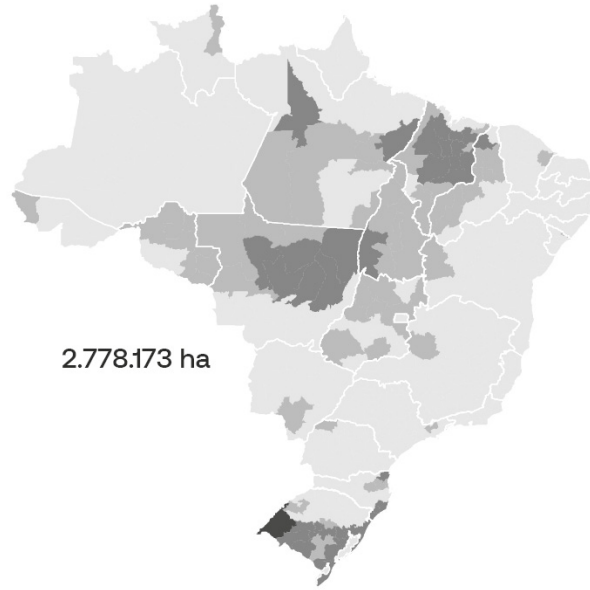


3.704.863 ha

Em hectares (ha) de arroz  
na microrregião



**2010**



**2019**

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Agrotóxicos e colonialismo químico" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).